Temáticas Sociais em telenovelas e cultura popular: uma questão de negociação de sentidos.

Rui Coelho de Barros Jr.
Universidade Federal Mato Grosso Sul

Resumo: Este Estudo, resultado de Tese de Doutorado defendida na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo em fevereiro de 2001, focaliza, na primeira parte, os discursos voltados às temáticas sociais presentes nas telenovelas brasileiras veiculadas pela mídia especializada entre 1988 e 1998. A segunda parte possui como eixo central a indagação (objetivo): como a telenovela se apresenta diante do universo da cultura popular, de forma a permitir a renegociação a reelaboração de significação dos conteúdos dos seus discursos por esse segmento específico da cultura.

O presente estudo busca reapreciar o afeto e a emoção a partir da recepção de temas sociais. Por vezes polêmicos, presentes nas telenovelas contemporâneas e que geram grandes debates num nível ampliado da sociedade.

Palavras- Chaves: Cultura Popular, Temáticas Sociais, Negociação de sentidos

INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

1. As Temáticas Sociais em telenovelas

As temáticas sociais, enquanto fator de socialização e de reflexão crítica, podem ser construídas na narrativa da telenovela de diversas maneiras, quais sejam: ***"informar, contar, repetir, instruir, explicar, ensinar, convencer, inculcar, reprimir, repensar, punir, proibir, dar exemplo, valorizar, desvalorizar, encorajar, desencorajar, ofender, aprovar, criticar".***[1] Identificar esses diferentes momentos, nos quais o existente é denunciado, ou em que o novo é proposto, é o grande desafio neste estudo.

3. A problemática e os objetivos propostos – hipóteses norteadoras

A partir da década de 80 o Estado de Mato Grosso sofreu grandes transformações sociais

e econômicas e teve o seu território ocupado de forma intensa. Cuiabá, sua capital, é uma das cidades brasileiras que apresenta maior índice de crescimento anual, devido principalmente ao grande fluxo migratório, oriundo de outros estados brasileiros, em busca de melhores oportunidades na vida.

Nesse contexto, insere-se a **problemática desta pesquisa**. Se, de um lado, o novo ritmo imposto à região acaba por silenciar as diversas vozes populares, restringindo-as às manifestações de caráter religioso, como as festas de santo, em muitos casos transformadas em espetáculo turístico por aqueles que se dizem preservadores das raízes cuiabanas, por outro, a telenovela cria um espaço social *sui generis*, no qual as diferenças, os contrastes, os diversos silêncios não estão presentes, ainda que por um breve espaço de tempo – o do horário global – fazendo com que os telespectadores ganhem a ilusão de pertencerem a uma comunidade de destino, surgindo assim a ***"comunicabilidade do entre-nós".*** [2]

Conhecer a representação social e a negociação de sentidos que a cultura popular possui em relação às principais temáticas sociais veiculadas pelas telenovelas, e de que forma essa cultura realiza reelaborações e ressignificações dos conteúdos discursivos veiculados, constitui o **objetivo geral** desta pesquisa.

Para a composição do quadro teórico que nos serviu de referência na primeira parte desta pesquisa, buscamos diversos autores como Mikhail Bakhtin, para um embasamento filosófico e epistemológico dos processos de linguagem; Helena Nagamine Brandão e Maria Aparecida Baccega, como suportes para a análise dos discursos da comunicação e linguagens dos meios de comunicação, Maria Lourdes Motter sobre a questão da ficção e realidade, dentre outros.

Na segunda parte - análise da recepção - esse referencial é orientado teórica e metodologicamente para os **Estudos da Cultura**, a partir das visões de Jesús Martín Barbero, sobre a questão dos processos de mediação, Néstor Garcia Canclini, sobre as práticas culturais e o lugar do consumo das culturas populares, Mauro Wilton de Sousa , sobre as questões dos processos de recepção, Maurice Halbwachs e Ecléa Bosi sobre os modelos teóricos e metodológicos empregados na apreensão e reconstrução da representação social, a partir do resgate da memória coletiva, dentre outros.

3. Procedimentos Metodológicos: Levantamento e análise de temáticas sociais em telenovelas (1988-1998)

O levantamento das temáticas sociais na mídia especializada foi realizado durante o ano letivo de1998, no arquivo do Núcleo de Pesquisa de Telenovela – NPTN, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, ECA-USP.

É importante salientar que toda a construção da narrativa ficcional dessas temáticas, nesta primeira fase - histórica - teve como ponto central a **Análise do Discurso** dos diversos interlocutores presentes na trama, na medida em que tenha sido possível esse resgate através de fontes impressas, de duas naturezas: Revistas Especializadas (*Amiga* e *Contigo*) – fonte base e Periódicos (Encartes de Jornais de grande circulação) – fonte complementar.

O Levantamento de Dados sobre as **temáticas sociais de telenovelas analisadas em seus contextos diversos** (1988 a 1998) aponta que as temáticas mais evidenciadas na mídia especializada estiveram relacionadas aos seguintes contextos: a) familiar (f=51); b) sexual (f=48); c) reprodutivo (f=29); d) gênero (f=25) e geral (f=20).

Esses dados demonstram que, no período analisado, a tendência marcante das tramas das telenovelas foi o de tornar público o âmbito privado e enfatizar questões que circulam no universo familiar.

3.1. A Metodologia no contexto da cultura popular

A estratégia multimetodológica utilizada neste estudo requereu a utilização de diversas técnicas de pesquisa, de forma a permitir que essas mediações básicas acima descritas pudessem ser exploradas em toda a sua amplitude.

Neste estudo, esse processo de percepção da re-interpretação cultural foi realizado a partir do levantamento da história oral dos informantes, ou seja, a partir da captação de experiências de pessoas dispostas a falar sobre aspectos de sua vida, mantendo-se um compromisso com o contexto social.

No sentido aqui expresso, resgatar significa evocar, trazer à tona fatos, lembranças, memórias individuais, como forma de aproximação de um determinado universo cultural. Conforme bem coloca Ecléa Bosi[3], ***"lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar,***

com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado".[4] É nesse sentido que pretendemos estabelecer as inter-relações entre as temáticas sociais veiculadas pelas telenovelas com as experiências do tempo vivido atual dos entrevistados.

5. O cruzamento dos discursos veiculados nas temáticas sociais com o discurso da população estudada – uma questão de negociação de sentidos

Preconceito racial

As temáticas sociais que abordaram o preconceito racial em *Por Amor* e *Pedra Sobre Pedra* foram as mais comentadas durante as entrevistas. A primeira estava vinculada ao fato de um homem branco, casado com uma negra, se recusar a ter um filho, temendo que o mesmo pudesse nascer negro. A segunda abordou a questão do racismo explícito de uma personagem contra um padre negro.

Por Amor

"Era que ele não queria porque o menino podia nascer preto. (...) Então por que ele se casou com ela? Só porque ela era gostosa, isto e aquilo? (...) Na vida real isso acontece. Ih, na vida acontece muito mesmo. E aí, às vezes, nem dá certo a união, não vai muito longe por causa disso. O melhor é nem casar mesmo, porque a mistura não dá certo". (Zineide, santarena, 55)

"Eu não acho certo essas preta que quer clarear os filho e casa com homem branco. Acho que cada um tinha que ficar na sua mesmo, né? O meu marido era moreno e não preto. Tenho amigo, muito amigo que é bem preto mas é muito amoroso. Tem pessoa que tem preconceito. E pode falar que não tem, mas no fundo, no fundo tem sim. E os preto também tem com a própria cor. Por que você acha que esses preto vivem caçando uma loira para casar?". (Cleonice, cuiabana, 49)

Os comentários sobre a novela *Por Amor* reforçam as posições racistas do grupo analisado com exceção da Maria Divina. Mesmo uma das informantes (Dirce), que num primeiro momento mostrou-se contra o racismo, ao comentar sobre a novela assume um discurso repleto de estereótipos negativos sobre a raça negra.

Pedra Sobre Pedra

"Eu acho que foi muito exagero neste caso. Não é assim na vida real, porque em termos profissionais e nesse caso aí, até mesmo na religião, acho que não tem nada a ver. Como eu disse, os negros também trabalham bem...um padre assim, um padre negro, não tem nada a ver. Eu acho que foi muito exagerado, no um ponto de vista, o preconceito da Gioconda". (César, goiano, 44)

"Essa Gioconda era biruta também...ela tinha ódio do padre (...) isso não acontece não. Tem muito padre preto que é bom". (Rosa, cuiabana, 48)

O discurso dos informantes sobre o racismo assume outro tom ao envolver a esfera do sagrado, ainda que nas entrelinhas seja possível perceber a conotação preconceituosa diante do tema. Todos eles se posicionaram contra a postura racista da personagem Gioconda, ressaltando os aspectos positivos do padre Otoniel.

A novela *A Próxima Vítima* apresentou uma família de classe média negra, *"(...) que adquiriu visibilidade e catalisou a simpatia da audiência (...) o seu sucesso foi atribuído ao fato de ser uma família 'comum', que poderia ser interpretada também por atores brancos, japoneses, árabes etc. Será que ser de classe média é uma experiência igual para todos, independente da origem e pertencimento racial?"*[5]

As considerações dos informantes estiveram relacionadas ao preconceito sofrido por essa família negra de classe média, apresentada em *A Próxima Vítima*.

"Como é que se fala...se uma família de cor, ele começa a crescer, ou tá mexendo com droga ou é ladrão. Eles nunca admite que uma pessoa de cor possa crescer igualzinho ao branco. Eles não admite de jeito nenhum, porque essa da Próxima Vítima *o pessoal era trabalhador mesmo, mas vê o tanto que era apedrejado...de jeito nenhum que eles aceita"*. (Dirce, camapuense, 44)

"(...) acho que foi uma coisa boa, porque é muito difícil você vê uma família negra bem sucedida, mesmo que seja em telenovela. Quer dizer, isso não é preconceito que eles quer mostrar? (...) eu acredito que na vida real tem muita família negra bem sucedida, mas na televisão não. Principalmente o jeito que a novela mostra o negro. Isso não é racismo? Negro é o empregado doméstico, por exemplo, ou é motorista...sempre tem emprego de baixo nível. (...) E ainda tinha o Jefferson, que não bastava ser negro e ainda era bicha. Esse tava ferrado, se fosse na realidade, né?". (César, goiano, 44)

Virgindade

Sobre essa questão o grupo analisado apresentou posições ambivalentes. De um lado, os valores tradicionais se mostraram fortes, enraizados, enquanto que, de outro, os novos valores foram expressos, até mesmo como uma forma que as pessoas encontram para tentarem se adaptar 'aos novos tempos'.

Rainha da Sucata

"Eu acho que ela queria casar virgem e aí não deu certo. Aí ela se entregou para o professor gago e depois virou biscate. E o pai queria obrigar ele a casar, para a filha não ficar mal falada (...) eu acho que ainda existe sim, principalmente em lugares como Cuiabá, que a cabeça do povo é fechada mesmo. Não com os rico, que transam e

não estão nem aí e nem com os pobre, que parece que...sei lá. É com o lado médio. Eles querem mostrar uma coisa que não são, querem agir como no Rio de Janeiro e São Paulo, mas no fundo, o buraco é mais embaixo mesmo. Por incrível que pareça ainda existe esse tipo de coisa. Muita gente casa porque transou, tirou a virgindade da filha e é obrigado a casar. E se, hoje em dia, se você transa com alguém e principalmente se a pessoa fica grávida, eles te obrigam a casar". (César, goiano, 44)

"A Nicinha era demais...mas só gozação mesmo. A mulher... não é porque a mulher entregou a sua virgindade que ela vai virar biscate. Se era assim, já pensou? É que ela era cabeça oca mesmo. Mas tem muito pai que ainda pensa que se a filha perdeu o fecho tem que casar com o primeiro. Acho muito errado, porque a mulher também tem direito de saber com quem ela quer casar e pode ter mais de um home, né? Digo isso antes do casamento". (Rosa, cuiabana, 48)

A questão da virgindade da personagem Nicinha despertou no grupo analisado dois tipos básicos de projeções/emoções: o sentimento de 'perda' da pureza e a transformação no seu antagônico e a preocupação quanto à posição da família (pai da personagem) diante do fato. Nesse sentido, é possível perceber nos discursos dos informantes uma série de posições que ilustram essa questão.

O Dono do Mundo

"Essa aqui foi muita esculhambação, seu Rui. Eu não gostei dessa não. Que home mais porcaria aquele...ela também foi muito ordinária. Onde já se viu mulher que se guarda pra um e acaba cedendo pra outro? E mulher... depois que abriu a a porteira vem toda a boiada, né? Um home fazer aquilo eu acho que acontece na vida. Tem gente viciado em jogo e diz que aposta casa, mulher (...). Agora, uma mulher, se não for forçada...acho que é safadeza mesmo...". (Maria Divina, cuiabana, 52)

"É coisa de machismo mesmo... e tem muito. O homem pra poder provar que podia tudo, você vê, engambelou o coitado do noivo pra ele poder ocupar o lugar do cara. O homem em si é um animal que não sabe o que passa na cabeça do bicho". (Dirce, camapuense, 44)

A abordagem da questão da virgindade em *O Dono do Mundo* provocou uma certa indignação por parte das mulheres entrevistadas, que classificaram a atitude da personagem Felipe como machista e prepotente. Também a personagem Márcia não foi poupada, uma vez que, nesse universo feminino, os valores morais são bastante rígidos, a mulher deve se 'guardar' para o homem que ama e não se deixar seduzir por qualquer um.

O Rei do Gado

*"Eu achei essa novela muito linda. A Luana era o próprio exemplo que tem gente pobre decente, com caráter, como eu falei pro senhor. Não é porque é pobre que é bandido vagabundo...que coisa linda ter se guardado pro Bruno, né?". (*Maria Divina, cuiabana, 52)

"A Luana também, você vê...pela idade dela e mesmo trabalhando, ela era virgem. Isso eu falo pra você, depende de tudo. Cada cabeça, uma criação. Concordar a gente não concorda...a gente quer tudo certinho". (Dirce, camapuense, 44)

A discussão sobre a personagem Luana desencadeou dois tipos de posicionamentos no universo feminino: de um lado, novamente os valores tradicionais quanto à virgindade foram ressaltados; de outro, a questão da idade de a mulher perder a virgindade também foi um ponto ressaltado, o que demonstra a preocupação desse universo com a constituição de uma família estruturada, a partir do casamento.

Gravidez

Sobre a temática das gravidez, duas novelas mereceram destaque quando da discussão com os entrevistados. São elas: *Por Amor*, que trata da questão da troca de bebês, *Fera Ferida*, que faz alusão ao abandono pelo pai diante de uma gravidez não programada.

Por Amor

"(...)Aqui a Regina Duarte troca o filho com a filha porque ela...a criança dela morreu. Tá errado, só em novela, né? Mãe nenhuma ia trocar o filho assim (...)". (Cleonice, cuiabana, 49)

"Tem pessoas que critica a gravidez depois dos quarenta anos. Eu não critico, se é a vontade e se tem condição...eu sei que é um alto risco que corre por causa da idade, porque o organismo rejeita. Mas cada um tem um organismo diferente (...)". (Dirce, camapuense, 44)

Fica claro no discurso dos informantes, independente do gênero ou local de nascimento, que a questão da gravidez depois dos quarenta está extremamente vinculada à questão socioeconômica: para os ricos é permitida, mas para os pobres é 'sem-vergonhice'. Outro aspecto que foi evidenciado nessa temática é a não aceitação da atitude da personagem Helena, considerada pelos informantes como irreal.

Fera Ferida

"Essa Clara dos Anjos eu sei que era muito recatada e a mãe criou ela pra ser a rainha daquele povo dela preto, africano (...) ia ser a rainha, aquela coisa, aquele negócio...a mãe era a rainha e tinha que passar pra ela. Aí

ela se enrola com esse cara malandro e por causa disso queima a roupa dela no meio do povo e eles vira às costas pra ela. Mas nisso eu não acredito muito não. É difícil encontrar uma moça assim hoje". (Zineide, santarena, 55)

"A Clara dos Anjos era recatada, pura e era daquela religião que eu não lembro e tinha que ficar no lugar da mãe dela. O Cassi Jones era um malandro e como ela vivia fechada, não tinha contato com o mundo... por isso engravidou e foi abandonada. Mas na vida real, como eu já falei, acho que não tem mais mulher assim. Até essas menina dão porque são ocia, porque tão com vontade de dar, e não porque não sabem o que é isso, porque são enganada". (César, goiano, 44)

Por meio dos discursos, que os informantes separam o universo ficcional do universo real e acreditam que, no mundo de hoje, já não existe esse sentimento de inocência dos jovens diante das questões sexuais e que, se eles são desencaminhados, é por falta de orientação da família, principalmente pela falta de um contato mais próximo com os pais.

Infidelidade

Ao comentarem sobre a questão da infidelidade, os informantes novamente ressaltaram a importância da estrutura familiar na formação do indivíduo.

Infidelidade Masculina

Sobre a infidelidade masculina, as temáticas de cinco novelas versaram sobre questões como bigamia, machismo subissão e fantasias sexuais.

A Próxima Vítima

"Esse Marcelo é o exemplo dos exemplo do home porcaria (...). Só pode ser coisa de gente com dinheiro, porque na nossa realidade aqui de pobre, a gente tem que ficar preocupado em botar arroz todo dia na panela de casa, não é?".(Maria Divina, cuiabana, 52)

" (...) ter duas famílias eu não acho certo. Vamos que a gente, mulher, em vez de ter duas casa, tivesse quatro casa. E aí? Na Bíblia fala que o homem tem direito a sete mulher e uma banda. Muito que bem, vamo virar a página – a mulher tem direito a quatorze homem e uma banda. E aí? Pronto, fechou a questão. Isso aí já devia ter acabado...só o homem! Isso aí vem vindo cada vez mais. Vôte, eu não concordo. Não adianta. Taí uma coisa que eu não engulo. Não aceito mesmo". (Dirce, camapuense, 44)

Tieta

" Esse negócio aqui de mulher submissa e marido garanhão não...aí também não, né bem? (...) No começo de meu casamento eu era assim. Eu ganhei, como diz os gaúcho, um belo par de guampa que eu não sabia que rumo que eu tomava com ele (...)". (Dirce, camapuense, 44)

"Essa aí do Timóteo era uma esculhambação (risos). Um homem galinha e sonso. Ela, a Elisa, era obrigada por ele a ser recatada. Ela tinha ódio da vida que tinha. Ela queria viver, queria conhecer o Rio de Janeiro, ela sonhava com uns homens. (...) Isso tem mesmo na vida. A mulher fica desconsolada com a vida que tem e só vive sonhando, nas revista, nas novela (...)". (Zineide, santarena, 55)

Em *Tieta* é possível perceber duas questões mais marcantes nos discursos dos informantes: a negação do machismo de Timóteo e a recusa à submissão de Elisa. Há um certo antagonismo nas respostas, uma vez que o padrão cultural do grupo de referência percebe e até aceita o machismo enquanto algo natural, mas não a submissão feminina. Para esse grupo, a mulher deve apresentar parâmetros semelhantes ao homem no que concerne às posições assumidas no dia-a-dia.

Renascer

"Esse aqui era casado com a Dona Patroa, né? Mulher linda que era a dele...aquele home era meio tarado...ou então queria aproveitar da Joaninha, só porque era empregada. Caso assim eu já vi muito, mas ela era moça séria; resistiu a tudo as tentação da pobreza que vivia. Isso eu acho que hoje em dia tá difícil de acontecer. As moça tão tudo caindo na vida assim, sem nunca ter tentado pegar numa vassoura, num fogão...e acha que tudo é difícil. Só não concordo do negócio dela ficar atentando o padre. Isso não é certo, não". (Maria Divina, cuiabana, 52)

"E esse Coronel Teodoro que fazia a esposa se parecer com as outra mulher pra ele sentir tesão?! Falta de dar uma surra num cara desse! Filho da puta, vai puxar o engenho pra moer cana pra ver se ele ia ter tempo pra inventar moda. Pode? Por isso que eu falo que o homem é um animal – tá subido em cima da mulher, mas quem me garante que ele não está pensando no rabo da outra que viu na rua? (...) Agora onde? Se ele trabalhasse na fazenda, como tá na novela, ele não ia ter tempo pra fantasiar, pra fazer a mulher vestir o vestido da outra pra se parecer com a outra. Ele ia pra cama e ia dormir, cansado de tanto puxar o engenho. Mas não...tinha tempo pra estar fantasiando...".(Dirce, camapuense, 44)

O que mais emergiu do discurso dos informantes foi a negação da fantasia sexual do Coronel Teodoro, tendo em vista que, para realizá-la, ele se valia de sua própria esposa. Nesse sentido, existem dois tipos de negação no discurso apresentado: o primeiro, que diz respeito à submissão da esposa, ao se permitir, na relação, ser a outra (ainda que na fantasia); o segundo, com relação à posição machista do Coronel, que, em função de seu poder e dinheiro, se sentia capaz de subjugar a empregada – relação hierárquica de classe.

Explode Coração

"Aqui o Salgadinho...ele só traiu uma vez a Lucineide, porque não tinha carinho dentro de casa. A mulher dele, a Lucineide, era terrível, gritava, brigava...ele chega em casa, a mulher tá nervosa, grita demais! Aí ele sai pra rua". (Cleonice, cuiabana, 49)

"O Salgadinho sofria demais com essa Lucineide. Mulher ruim, que só gritava com o marido. Aí o marido não agüentava mesmo. Ela até batia no marido, onde já se viu...ah, não. Isso aí é sacanagem de novela. O que tem ainda hoje...tem do homem bater em mulher. O homem bate, maltrata e até mata a mulher. E ela tem que ficar quieta porque tem que pensar na casa, nos filho, no sustento da casa, né?".(Zineide, santarena, 55)

Novamente é possível perceber a importância que o diálogo assume, para os informantes, na relação afetiva. Eles até conseguem justificar a traição da personagem Salgadinho, tendo em vista o tipo de relação que ele vivia com a esposa. As representações sociais que esse grupo possui acerca do padrão masculino é de força, de trabalho, de sustento da casa, no qual a mulher está presente, ainda que de forma secundária, mais voltada às atividades domésticas.

Infidelidade Feminina

Sobre a infidelidade feminina, mereceram destaque as temáticas quer trataram da indiferença entre os parceiros no casamento e sobre a ambição.

O Rei do Gado

"Essa Léia era uma pessoa sofrida que não tinha amor em casa, não tinha um bem estar e isso levou ela a procurar alguma coisa fora de casa. Ela não tinha atenção, não tinha companheirismo, não é? Acho que ela procurou alguém fora de casa e foi infeliz de encontrar alguém que não prestava, o Ralf. Mas o comportamento dela era procurar aquilo que não tinha em casa. Acho que nesse ponto ela estava correta(...)".(César, goiano, 44)

"Essa Léia aqui era uma desocupada, que era rica e comprava dinheiro, quer dizer, só gastava dinheiro com roupa e outras porcarias (...). É aquilo que eu falei, mulher rica arranja mesmo e é escondido. É difícil o marido pegar. E tem uns que até sabe, mas com os rico tá tudo certo, não tem problema não. É normal, né? Eles se diverte assim, troca daqui, troca dali...e aí esses pobre aqui vai querer imitar e só sobra porrada". (Rosa, cuiabana,48)

Através dos discursos sobre a personagem Léia, é possível fazer algumas considerações que revelam a representação social que os informantes possuem sobre a infidelidade feminina em diferentes classes sociais. Para a maioria, a atitude dela, em parte, foi justificada, uma vez que não recebia carinho nem atenção por parte do marido. Entretanto, tal atitude poderia ser evitada se ela tivesse o seu tempo ocupado, o que mostra a importância do trabalho, do tempo devidamente ocupado pela mulher que, dessa forma, não vai encontrar tempo para pensar em

coisas 'menores'. Nesse sentido, há uma nítida separação entre ricos e pobres, no que diz respeito à questão da infidelidade. Para esse grupo, a mulher rica, que não tem o que fazer, encontra uma desculpa para buscar um amante, quando a relação conjugal não está bem, o que não acontece com a mulher pobre que, por mais que a sua relação esteja comprometida, o dispêndio do tempo real com o trabalho e as demais obrigações a impedem de assumir tal atitude.

Vale Tudo

"Essa Maria de Fátima não era flor que se cherava (...) eu não lembro bem, mas no final ela se deu bem, não é? Arrumou um amante, que virou amante do amante dela. (...) Nesse caso aí eu não concordo. Se você está com alguém, tem que procurar ficar com ele, mesmo que surge uma oportunidade de casamento por dinheiro, acho que tem que pensar em viver com a pessoa que gosta. Se você acha que esse amor vai ser pra sempre, então, aposta nele". (César, goiano, 44)

"Essa Maria de Fátima...quá (risos). Ela nem queria saber de nada, arrumava cada uma(...). Isso tem mesmo. Tudo é casamento acertado, só pra aparecer e pra dizer que tá casado, que gosta de mulher, não é? É só ver nas revista, na televisão...Olha só essa Adriana Galisteu. Casou até com ramo de arruda, pra espantar mau olhado. E não durou nada...só pra aparecer. E por aí vai, né? Coisa de gente rica, do mundo de rico, que aqui desse lado não dá pra perceber". (Rosa, cuiabana,48)

Através da temática abordada na novela *Vale Tudo*, é possível resgatar no discurso dos informantes novamente o imperativo dos valores tradicionais, vinculados ao trabalho, à moral, à família, à honestidade etc. Também é possível perceber a diferença feita entre o mundo dos ricos, que buscam visibilidade e que para isso muitas vezes recorrem ao mascaramento necessário para se viver em sociedade, e o mundo cotidiano 'real' dos pobres, construído a partir do suor do dia-a-dia.

> ***"Não é provavelmente que por um mero acidente histórico a palavra pessoa, em sua acepção primeira, queira dizer máscara. Essa máscara representa a concepção que formamos de nós mesmos – o papel que nos esforçamos para chegar a viver. Essa máscara é o nosso mais verdadeiro eu, aquilo que gostaríamos de ser".***[6]

Todavia, em muitos momentos, existe plena consciência das hierarquias de classe e todos os privilégios e faltas decorrentes. Apesar da negação diante das diferenças percebidas entre esses dois universos distintos de ricos e pobres, é possível perceber a identificação do grupo de estudo tomado como referência neste estudo, com o seu oposto.

Ao se darem conta que a vida foi, é e será sempre dura e a rotina será sempre um fardo constante, regida por padrões e normas que dificilmente conseguiriam mudar, os informantes se permitem momentos de 'escape' e se projetam naquilo que eles mais criticam, seja através do mundo dos ricos '*mascarado'* nas revistas ou nas telas da televisão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A telenovela foi escolhida como suporte para a investigação dos universos dos grupos de referência por estar extremamente vinculada ao processo de modernização do país, sendo um verdadeiro termômetro desse processo enquanto intérprete da vida social, e por ser uma parceira constante no cotidiano do segmento estudado, ultrapassando a questão do mero lazer, para se colocar enquanto ritual de encontro consigo próprios.

Os representantes do universo cultural analisado mostraram conciliar, em seu cotidiano, a experiência de 'ver' telenovela – enquanto uma obra de ficção, e a experiência de revitalizar as suas crenças, valores e tradições pertencentes ao seu universo material e simbólico.

Reconhecemos que muitas modificações estejam ocorrendo nesse universo cultural, mas consideramos que as mesmas se fundamentam nas pequenas negociações que ocorrem a partir de uma prática social, sobretudo nas instâncias informais, nas pequenas tribos que se equacionam na vivência cotidiana, nas trocas (reais e simbólicas) que ocorrem nos microgrupos, na vizinhança, no seio de uma mesma família. Aí sim ocorrem as construções de sentido, que permitem as diversas mediações entre os indivíduos, os meios de comunicação e a cultura hegemônica, mas cada situação de interação é singular, única, trazendo inúmeros elementos subjetivos à tona, que não são passíveis de serem mensurados ou comparados.

Dessa forma, nos é possível dizer que, em alguns momentos, os temas sociais representados suprem a carência de informação dessa parcela da população, exercendo, ainda que de forma tímida, uma função simbólica de espaço público que, através da negociação de sentidos, permite aos indivíduos um repensar de suas vidas, de suas práticas e ações na sociedade. Entretanto, cabe ressaltar a visão crítica dos informantes sobre muitos temas abordados, sendo estes classificados como *' bobos', 'isso não existe na vida real'* ou *'isso é coisa de novela'*.

Houve pouca variação quanto à posição - aceitação ou rejeição - acerca dos modelos de comportamentos e/ou tramas vividos pelos personagens e, na maior parte das vezes, prevaleceu a visão conservadora.

Nesse sentido, cada mensagem foi relida, ressignificada pelos diversos sujeitos receptores a partir do modelo de espaço cultural no qual se encontram inseridos, no qual ocorrem as múltiplas experiências individuais. Compreender esse espaço e as diversas mediações que aí ocorrem só foi possível através do levantamento das histórias de vida, o que permitiu uma grande aproximação, por muitas vezes apaixonada, entre pesquisador e sujeito pesquisado.

As temáticas sociais que serviram de base para este estudo, em determinados momentos propuseram a mudança e, em outros, reforçaram a permanência de determinados posicionamentos sociais. A construção das narrativas não objetivou apenas denunciar os diversos problemas sociais, mas mostrar como eles estão presentes no dia-a-dia das pessoas. Nesse sentido, o reconhecimento desses problemas por parte dos informantes mostrou o grau de consciência dos mesmos, uma consciência espontânea e crítica ao mesmo tempo, ao contrário daquilo que imaginávamos ao ter o primeiro contato com a cultura popular.

Os diversos posicionamentos ao longo das entrevistas apontaram que, se as temáticas sociais efetivamente não contribuem para a melhoria da qualidade de vida das pessoas de menor poder aquisitivo da população, o que na verdade não é sua função, pelo menos reforçam um modo mais humano de olhar para uma determinada questão social. E esse sentido de humanidade foi uma característica marcante encontrada nas pessoas com as quais nos relacionamos durante todo esse tempo.

Não há conclusões, apenas pistas que apontam para indivíduos que estão por inteiro diante de narrativas que se confundem com as suas próprias histórias de vida, com seus valores, estereótipos, visões de mundo e com as quais estão dispostos ou não a se relacionar, e que, diante desse encontro/confronto, possam chegar a repensar velhos arquétipos e substituí-los por uma roupagem nova, de forma a ampliar a sua dimensão de sujeito no fazer do processo histórico e social.

6. Bibliografia

BACCEGA, Maria Aparecida. *Comunicação e linguagem*: discursos e ciência. 1 ed. São Paulo:

Moderna, 1998.

_____. *Palavra e discurso - história e literatura*. São Paulo: Editora Ática, 1995.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 7 ed., São Paulo: HUCITEC, 1995.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade:* lembranças de velhos. 3 ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Subjetividade, argumentação e polifonia*. São Paulo: UNESP, 1998.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Consumidores e cidadãos*: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ,1995.

_____. *As culturas populares no capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva.* São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos - o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Matrices culturales de la telenovela. *Estudios de las culturas contemporaneas*. Colima, v.2, n.4/5, 1988

_____. *De los medios a las mediaciones - comunicação, cultura e hegemonia*. México: Gustavo Gili, 1987.

MOTTER, Maria Lourdes. Ficção e realidade: a construção do cotidiano na telenovela. São Paulo,1999, 215 p., Tese (Livre Docência em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo.

_____. Telenovela: arte do cotidiano. *Comunicação & educação*. São Paulo: Moderna, (13): 89 a 102, set/dez, 1998

SOUSA, Mauro Wilton de. Novos olhares sobre práticas de recepção em comunicação. In: LOPES, Maria Immacolata Vassalo (org.). *Teorias Contemporâneas em Comunicação*. São Paulo: Edicon: Intercom, 1997.

_____. Recepção: uma questão antiga em processo novo. In: SOUSA, Mauro Wilton de (org.). *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

TEIXEIRA, Maria Cecília Sanchez. *Imaginário, cultura e educação: um estudo antropológico de alunos de primeiro grau*. São Paulo, 1994, 393p., Tese (Livre Docência) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

Notas

[1]TEIXEIRA, Maria Cecília Sanchez. *Imaginário, cultura e educação: um estudo antropológico de alunos de primeiro grau*. São Paulo, 1994, 393p., Tese (Livre Docência) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, p. 164.

[2] MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos - o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987, p. 32.

[3] BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade:* lembranças de velhos. 3 ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 55.

[6] GOFFMAN, Erwing. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1985, p.27